

EDUCAÇÃO: CONHECIMENTO, FORMAÇÃO HUMANA E CONSCIÊNCIA POLÍTICA

EDUCATION: KNOWLEDGE, HUMAN FORMATION AND POLITICAL CONSCIOUSNESS

Alceu Zoia¹
alceuzoia@hotmail.com
Leandro José do Nascimento²
leandro.nascimentomt@gmail.com

317

Qual o papel da Educação na formação de cidadãos conscientes do mundo e dirigentes do próprio país? Onde entram, respectivamente, as escolas de ensino básico e as universidades, nesta missão? Estudantes e mestres estão inseridos neste processo? Você, leitor, já se perguntou e posicionou sobre essas questões? Há quem concorde que pontos como estes não merecem reflexão, já que não fazem parte da agenda pública de discussões da sociedade. Outros, no entanto, apontam não haver fórmulas mágicas para equacionar tais apontamentos, na medida em que, mesmo em pleno século XXI, consenso parece estar distante.

A reflexão é necessária, aponta o Professor Giovanni Semeraro, Professor Titular de Filosofia da Educação na Universidade Federal Fluminense, Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado na Itália. O ponto de partida é compreender que o debate e a conscientização da realidade na qual vivemos devem se fazer presentes dentro das próprias instituições de ensino. E que estas, além da formação intelectual, devem educar ao diálogo, ao respeito das diferenças e à democracia.

Neste diálogo com a Revista Educação, Cultura e Sociedade, o professor Giovanni Semeraro avalia o atual momento vivido pela educação brasileira, que, em 2016, viu-se atingida por um turbilhão de acontecimentos. De decisões políticas que vão culminar em uma alteração na grade de disciplinas ofertadas no ensino básico – atingindo diretamente a Filosofia, a Sociologia, a Educação Física - além de pontos polêmicos como a aprovação da chamada Proposta de Emenda à Constituição 55 que estabelece o teto de gastos para o país pelos próximos 20 anos. Uma tentativa de reequilibrar as contas públicas que deve, segundo críticos

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop. Atua no PPGEdU/UNEMAT na linha de pesquisa Educação e Diversidade.

² Jornalista, especialista em Jornalismo Político. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) da Unemat-Sinop.

à proposta, impactar diretamente em setores importantes, congelando investimentos por duas décadas.

O cenário para esta entrevista à Revista Educação, Cultura e Sociedade, foi o município de Sinop, Mato Grosso, onde Giovanni Semeraro participou da sexta edição do Encontro Anual de Educação (ENAED). O tema em 2016 foi “Políticas educacionais nos tempos atuais e perspectivas”. Semeraro esteve em Sinop no mês de novembro, período em que o país ainda passava por uma onda de mobilizações contrárias às aprovações da PEC dos Gastos, bem como da mudança curricular do Ensino Médio. A isso tudo somavam-se inúmeros protestos, além das ocupações de escolas e universidades pelo Brasil.

Este diálogo, caro leitor, inicia com uma recomendação: estas linhas e páginas não esgotam as possibilidades de discutir os assuntos tratados a seguir. Pelo contrário, são o ponto de partida para mais leituras, contribuindo, ao final, para uma visão completa acerca dos fatos.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Professor Semeraro, a formação de cidadãos conscientes do mundo e dirigentes do próprio país é um tema bastante oportuno para o debate dentro das escolas e(ou) universidades. Sabe-se que não há como discutir tal tema sem se levar em conta o contexto ou momento atual vivido pelo país, pois tais fatos também pesam neste debate. O senhor acredita que, falando-se em educação brasileira, vivemos ou estamos passando por um turbilhão, uma verdadeira enxurrada de atos e ações que vão impactar tão fortemente neste setor? Citam-se, por exemplo, reformas no Ensino Médio, congelamento de gastos e investimentos.

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Sim. Eu diria que nós estamos vivendo hoje, no Brasil, um momento crucial no processo de democratização e na defesa dos direitos civis, políticos e sociais. As forças conservadoras, derrotadas nas últimas eleições presidenciais, se aproveitaram da crise interna, agravada pela profunda recessão na economia mundial, exploraram as falhas do governo, a desarticulação das esquerdas e a letargia dos movimentos populares, para desencadear o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff e se apropriar de forma indireta e arbitrária do poder político central. O ataque à expansão da democracia pode ser visto não só no golpe desferido contra a vontade popular expressa nas urnas, mas nas investidas

postas autocraticamente em marcha com um conjunto de medidas perversas, como a PEC 55, a Medida Provisória 746, o desmonte dos direitos sociais e trabalhistas, a reforma da Previdência já desenhada, a diminuição da maioria penal, a campanha da “escola sem partido”, etc.

Devemos ficar particularmente atentos e preocupados, porque as forças democráticas populares estiveram meio retraídas ao longo dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), quando ocorreram alguns avanços sociais e benefícios reais para a população. Não se pode negar que ao longo desses 13 anos o Brasil cresceu na média de 5%, que houve investimentos econômicos em muitos setores, considerável estoque de reservas cambiais, diversas frentes de políticas sociais, crescimento do emprego, do salário mínimo e do consumo, acesso ao crédito e benefícios que conseguiram retirar da miséria e pobreza cerca de 50 milhões de brasileiros, além da expansão das escolas e universidades, da cultura e da internet. Mas, infelizmente, a falta de reformas substanciais, a promiscuidade dos políticos com o poder econômico, as ambiguidades e erros cometidos pelo governo do PT e o atoleiro conspirativo em que se meteu o Brasil estão comprometendo seriamente essa trajetória.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

E como toda essa conjuntura atinge a Educação?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

A Educação acaba sendo atingida em cheio porque o governo anterior, com todos os limites e defeitos, investiu nesse setor, entendendo que, além do acesso ao conhecimento e da preparação para o trabalho, o ambiente escolar é um espaço de formação de cidadãos críticos e autônomos em condições de alimentar o aprofundamento da democracia no país. Com a MP 746 esta perspectiva está sendo esterilizada porque para o atual governo, que representa os interesses das classes privilegiadas e do grande capital, os rumos impressos à educação e às políticas sociais ameaçavam a ordem existente. Estamos vivendo um período difícil, extremamente contraditório e turbulento. Não sabemos que tipo de desfecho isso vai ter. Fica claro, no entanto, que a população mais vulnerável está sendo penalizada e perdendo direitos, mas não significa que o jogo terminou.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

E um cenário como este favorece o debate em torno da Educação ou a coloca em um segundo plano, à margem?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

A minha avaliação é que, apesar de tudo, o debate vem se ampliando e aprofundando em muitos setores da sociedade. Há inúmeras iniciativas neste sentido ocorrendo nas associações e entidades, nas universidades, nas escolas, nas redes sociais, nas igrejas, nos partidos e sindicatos. Esta fermentação é, sem dúvida, fecunda, porque, repito, enquanto vigorava um governo sensível aos problemas sociais, mesmo com suas contradições, houve um certo refluxo e adormecimento das pressões populares. Agora, os ventos mudaram e o movimento estudantil, os trabalhadores e os setores mais atingidos pela onda de um neoliberalismo que regride ao estado feudal, procuram reagir, embora a grande mídia monopolizada não veicule esse universo porque visceralmente subserviente aos usurpadores que se apropriaram de forma ilegítima do comando político do país. Então, em meio a todos os perigos e insídias do momento dramático que vive o Brasil, considero indispensável o debate, o confronto de ideias, a informação e a politização de consideráveis parcelas da população. Quando se explicitam as contradições e a luta de classe, surgem também as possibilidades de reorganização de um novo projeto de país de caráter nacional-popular e, portanto, efetivamente democrático.

320

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Diante disso, professor, quem está vencendo este embate: o pessimismo ou a confiança?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Creio que se a gente não se deixar levar pelo medo, pelo pessimismo e o derrotismo, seja possível construir uma frente de forças sociopolíticas e um conjunto de iniciativas criativas e corajosas como as que se desencadearam para derrubar a ditadura, para promover a campanha da “Diretas Já” e atuaram

intensamente durante o processo de elaboração da Constituição de 1988. Trata-se de marcos extraordinários na história recente do Brasil que, eu espero, venham a se renovar não só para resistir ao estado de exceção de novo tipo que vem se instaurando no país, mas para defender e aprofundar as conquistas democráticas. É verdade que atualmente há uma grande descrença na política, uma certa desconfiança nas instituições e o horizonte é menos empolgante de outros momentos históricos. Mas, ainda que a conjuntura nacional e internacional seja adversa, não podemos nos entregar à depressão e abdicar de nossos compromissos para construir um país justo e socializado. Contra a prepotência e o oportunismo de quem se aproveita da crise e das angústias da população para impor os seus interesses, precisamos agir com “pessimismo da inteligência e otimismo da vontade”, como dizia Ant3nio Gramsci que enfrentou situa73o mais dif3cil que a nossa e saiu vitorioso.

A pretexto do ajuste fiscal e da atra73o dos investidores, este governo ileg3timo pode cortar recursos e retirar direitos, reprimir manifesta73es e intimidar as vozes cr3ticas, mas n3o vai conseguir destruir as aspira73es 3 dignidade humana, os sonhos e as expectativas das novas gera73es. A onda reacion3ria e os grupos de extrema direita que se propagam no mundo e no Brasil s3o sinais de um capitalismo em desespero que perde seus espa73os de reprodu73o, se sente amea73ado e recorre cada vez mais 3 for73a diante das crescentes press73es que brotam por toda parte para reivindicar a socializa73o do poder econ4mico e pol3tico e a preserva73o do planeta. A crise no Brasil est3 deixando mais claro para a popula73o que as reformas que est3o sendo impostas visam garantir um super3vit que 3 transferido a banqueiros e rentistas, a um 3nfimo n3mero de credores da d3vida p3blica. Por isso, agora, o mais importante 3 continuar a estudar e ler atentamente a realidade, organizar-se e agir em conjunto para dar um salto maior nas conquistas sociais e democr3ticas.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Esse papel de se tornar ou motivar a forma73o de cidad3os conscientes e debatedores do futuro cabe 3 escola, cabe 3 universidade? Qual 3 o papel de cada uma nesse contexto de preparar o cidad3o mais consciente?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

A história do Brasil mostra que os estudantes, as universidades, juntamente com organizações dos trabalhadores, entidades da sociedade civil e movimentos populares, foram decisivos nos momentos cruciais, ainda que tenham sofrido derrotas. Hoje, diante do descrédito dos partidos, desqualificados pelos casos de corrupção e pelas formas obsoletas de organização e atuação, os estudantes - inclusive das escolas do ensino médio - estão se insurgindo e assumindo, de forma corajosa e heróica, um protagonismo político inédito no Brasil. Evidentemente, não são os únicos protagonistas nesse período. Mas, a escola e a universidade, onde se concentra uma considerável massa crítica de professores e alunos, têm um papel especial nesse sentido, porque a sua função não é só preparar profissionais para o trabalho, mas, conforme a Constituição, formar também cidadãos críticos e ativos, protagonistas efetivos da construção permanente da democracia e dirigentes responsáveis do próprio país.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

O senhor pode detalhar mais?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

O que se passa na grande mídia, dominada por oligarquias e vendida a seus patrocinadores, são escandalosos vazamentos de corrupção, informações distorcidas, lições de moralismo e discursos hipócritas do governo. Neste espaço não há lugar para a imensa riqueza de debates, pesquisas e reflexões de alto nível que se produzem nas universidades e nas escolas, onde atuam inúmeros intelectuais de ampla visão e grande preparo. Muitos deles estão se envolvendo no processo dramático que o Brasil está vivendo com análises, palestras, seminários, congressos, escritos nos mais diversos canais de difusão, com a participação nos movimentos de resistência e na organização de manifestações, nas greves e nas denúncias lançadas dentro e fora do país. Trata-se de um trabalho altamente significativo, que exige muita dedicação, informação e coragem, geralmente não consideradas pelo senso comum e a avaliação convencional. As intervenções dos estudantes, professores e docentes não se limitam a iniciativas pessoais, mas se expressam também por meio de núcleos de pesquisa, entidades e associações nacionais e regionais, como por exemplo, ANDES, SBPC, ANPOCS, ANPOF, entidades dos vários setores de humanas,

ciência e tecnologia. Hoje temos no Brasil uma fermentação de iniciativas e debates em virtude da mobilização dos estudantes, de muitos professores de escolas públicas e privadas e, principalmente, nas universidades federais e estaduais. Basta observar os milhares de protestos e iniciativas desencadeadas por professores e alunos em todos os Estados do país, ignoradas pela mídia fascista e reprimidos pela polícia. Esse imenso esforço pode até ser derrotado neste momento sóbrio que se abateu no Brasil, mas suas ideias e atividades são sementes poderosas que vão produzir seus frutos.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Quando o senhor diz que os estudantes do ensino médio assumindo o protagonismo, como é esse protagonismo? Seria, por exemplo, manifestações, as ocupações? A juventude à frente destas manifestações é por si só um ato de protagonismo?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Sim. Também nesse caso não se pode generalizar, pois, tanto nas escolas como nas universidades existem alunos que se revoltam e se insurgem contra o que está sendo imposto autoritariamente e alunos que apoiam indireta ou deliberadamente o atual sistema. Da mesma forma, há professores que se colocam a favor do atual governo golpista e professores que se manifestam contra. Considero esta situação instigante, porque, se o embate ocorrer com respeito e liberdade favorece a fermentação de ideias e o confronto de projetos, o que é benéfico para a maturidade da democracia. E precisamos estar atentos para que esse ambiente seja preservado, uma vez que não faltam atos contra a liberdade de expressão, como, por exemplo, a recente proibição de greve nas universidades públicas determinada pelo STF. O mais impressionante é que uma considerável parcela da juventude se forma e manifesta sua consciência política e não é apenas na esfera teórica. Crescentes grupos de secundaristas vêm ocupando as escolas, seguindo os passos de outros países, inclusive da América Latina. Veja-se, por exemplo, o caso do Chile que influenciou evidentemente essa modalidade. O ano passado nós vimos o processo de ocupações das escolas em São Paulo que se tornou uma referência significativa em todo o Brasil. Levando em consideração a idade muito jovem dos estudantes, impacta o seu

elevado grau de consciência não apenas pela capacidade de entender o que está acontecendo no país, mas também pela habilidade em analisar as leis, as medidas provisórias, as propostas de emendas à Constituição, as reformas e o jogo político que se passa no Congresso. As atitudes desses estudantes não se limitam, portanto, às revoltas e manifestações, mas expressam uma maturidade humana e intelectual que ganha profundo significado simbólico frente à população ao mostrar que o espaço da escola é também deles.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Então, a reflexão e o engajamento político são atitudes necessárias para quem almeja mudanças? O que ultrapassa e vai muito além do simples ato de aprender a ler ou escrever?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Na educação, além de armazenar conhecimento, é importante se formar uma consciência própria, se autodeterminar, trabalhar em conjunto e aprender a reivindicar seus direitos. Ocupar uma escola não é exibicionismo ou modismo de adolescentes, mas um recado claro que aquele espaço, como toda a coisa pública, tem que ser preservado, incrementado e conduzido coletivamente. Trata-se de uma conquista de alto nível formativo e democrático, com efeitos extraordinários. Por isso, a ocupação está sendo desqualificada pelos antidemocráticos, ignorada pelos ignorantes, combatida pelos obscurantistas, desmontada com todos os meios por aqueles que só conhecem os caminhos da violência, não da razão, do diálogo e do respeito. Pelos ataques que recebem, as ocupações e outras iniciativas de contestação podem vir a se dissolver, não importa. No embate político, há um conjunto de batalhas. Algumas você perde, outras ganha. O que conta é considerar o processo no seu todo e adquirir uma visão de amplos horizontes e longa duração. Para os grandes lutadores, as derrotas só servem para se fortalecer e retomar fôlego para novas e mais acertadas investidas. Não sabemos qual será o desfecho dessas iniciativas, mas temos certeza de que está se realizando uma experiência de incalculável valor, está se gestando um projeto de sociedade infinitamente superior ao imposto pelas corporações econômicas e as elites predadoras e mesquinhas desse país. Destas nunca veio nada de bom para a população, só repressão e reformas

regressivas, impostas na calada da noite e direcionadas a prejudicar estudantes das classes populares, trabalhadores, funcionários e aposentados, enquanto se preservam os lucros astronômicos dos rentistas, o patrimônio das famílias abastadas e se perdoam as dívidas dos empresários beneficiados com as isenções tributárias.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Professor, muito se viu ou ouviram declarações que colocavam estes mesmos jovens que decidiram protestar, ocupar as unidades escolares, na condição de baderneiros, como arruaceiros sem conhecimento, que estavam sendo usados como massa de manobra. Esses argumentos têm fundamento?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Na UFF, universidade onde trabalho, promovi alguns debates e convidei alunos secundaristas que ocupavam escolas, jovens na faixa de idade entre 15 e 17 anos. Os estudantes universitários de graduação e pós-graduação e alguns colegas professores assistiram à exposição desses adolescentes e ficaram profundamente impactados ao ver ao vivo, sem papel, sem ninguém sugerindo ou guiando, a consciência da realidade escolar e do país, o grau de conhecimento, o domínio da linguagem, o raciocínio, a maturidade, o controle emocional e a paixão com a qual esses adolescentes se manifestavam. Os “meninos” e as “meninas” foram alvo de toda sorte de perguntas, inclusive malévolas e nunca se desestabilizaram, pelo contrário deram mostras de grande capacidade de elaboração argumentativa e equilíbrio emocional. Muitos que saíram dessas atividades me disseram sem hipocrisia: “professor, nós hoje tivemos a melhor aula do ano”. Exemplos como esses estão espalhados aos milhares no Brasil. Esses meninos não ficam só ocupando ociosamente escolas, mas estudam, aprofundam temas do currículo, se preparam e trabalham para aprofundar e divulgar suas ideias na cidade, em sindicatos, partidos, movimentos, organizações sociais, assembleias legislativas. Veja-se o testemunho da Ana Julia do Paraná, cuja fala impactante deu a volta do mundo, sem aparecer ou receber prêmios pela nossa mídia medíocre e vendida. Como é que você interpreta isso? Como se pode dizer que esses meninos são irresponsáveis e manipulados? Com que moral os serviços da imprensa oligopolizada e destrutiva rotulam esses jovens, infinitamente mais

dignos de todos eles, de vândalos, arruaceiros, baderneiros, exibidos?

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Rotulando-os também de anarquistas e irresponsáveis.

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Anarquistas? Irresponsáveis? Como é possível tamanha ignorância e maldade? É preciso ver como os estudantes se autodeterminam e se organizam, desde o estudo, aulas públicas, seminários, promoção de atividades e debates, até a limpeza, a cozinha, a manutenção do ambiente, dormindo precariamente, se alimentando mal e sendo continuamente ameaçados, ofendidos e intimidados, inclusive pelo poder público que deveria garantir sua segurança. Ocupar a escola está educando a se responsabilizar coletivamente pelo que é público e a reivindicar um direito fundamental de todos. Acima de tudo, as ocupações que se espalham pelo país estão gestando uma nova concepção de escola, não mais entendida como empresa ou internado de robosinhos, mas como espaço criador de produção de conhecimento e de socialização, de politização e formação democrática, uma escola profundamente conectada com os problemas reais do país e as necessidades fundamentais da população. Neste sentido, as vilipendiadas escolas públicas e as universidades públicas que nos restam se tornaram trincheiras da resistência, frente ao comodismo da classe dominante e à nova onda avassaladora de um neoliberalismo faminto e feroz que as querem destruir.

326

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Professor, neste sentido, qual sua avaliação sobre esta Proposta de Emenda à Constituição (PEC) dos gastos? Ela traz resultados negativos para Educação no momento imediato e quais seriam esses impactos?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

A PEC 55 é um desastre e uma enorme irresponsabilidade. Toma-se uma decisão às pressas e de consequências brutais para uma inteira geração e se interdita os canais de discussão. Isto já diz tudo sobre a calamidade da proposta. Haverá um impacto nefasto para a população mais pobres e para os negros e negócios

lucrativos para escolas e saúde privadas. Congelar por 20 anos os recursos para setores vitais da população é um acinte que vai além da pretensão de qualquer ditadura. A Constituição foi rasgada por políticos que não têm compromissos com a maioria da população. A Constituição, de fato, determina que pelo menos 18% da arrecadação do governo federal sejam aplicados obrigatoriamente em Educação e 15% na Saúde, uma pequena tentativa para amenizar a desigualdade que impera no Brasil. Contra essa disposição soberana, a partir de 2018 as despesas com Educação e Saúde serão reajustadas apenas pela inflação do ano anterior. Um golpe e um imenso retrocesso! Seja a Medida Provisória como a PEC não encontram aprovação da maioria da sociedade. A perda de recursos para a Educação e a Saúde, tanto a nível federal, como estadual e municipal será incalculável. Se há necessidade de equilibrar as contas públicas por que não aumentar os impostos sobre os ricos, as rendas astronômicas e o patrimônio escandaloso dos setores privilegiados que saem fortalecidos por essas reformas? É notório que o Brasil, assim como foi o último país a abolir a escravidão, também é um dos mais atrasados em relação a outros países na cobrança da tributação dos mais ricos. No belo e concorrido evento do ENAED em Sinop procurei apresentar algumas reflexões sobre a PEC 55 e a MP 746, mostrando os equívocos e as contradições dessas reformas, o empobrecimento do currículo, a gravidade da eliminação ou marginalização das matérias reflexivas e a priorização das disciplinas que habilitam os alunos para meras execuções de tarefas e não para a formação de gente que seja capaz de pensar com a própria cabeça e analisar o país e mundo na sua totalidade, de aguçar o senso crítico e promover as condições para criar um mundo efetivamente democrático.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Professor, isso tudo leva a crer que o Brasil vive hoje uma fase de mercantilização da Educação?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

De fato, há muito tempo vem acontecendo isso e hoje querem erradicar o pouco que restou de público. Todo mundo sabe que as universidades públicas não chegam a absorver 30% dos estudantes. O resto é tudo particular, para a alegria dos investidores. E também as escolas estaduais e municipais estão estruturadas

de modo a garantir a segregação e discriminação de classe. Em sua maioria, as escolas públicas são tão precárias que acabam sendo lugar só para as classes mais empobrecidas. Por que muita gente não coloca os filhos nas escolas públicas e aceita se submeter a mensalidades draconianas para uma estrutura familiar? Porque sabe que a escola pública é pobre, largada, desqualificada, remunera mal, é condenada a ser esvaziada. Do jeito que está, torna-se um território a ser cada vez mais abandonado, abrindo caminho ainda mais para as incursões do capital. Na verdade, esta é a lógica que está por trás das atuais reformas: a desobrigação de um dever essencial do Estado e ao mesmo tempo mais um espaço para investidores ir expandindo seus negócios.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Então ela abre espaço e beneficia o lado das elites?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

As elites não estão preocupadas com as atuais reformas, porque têm condições de colocar seus filhos nas melhores escolas privadas, a maioria das quais são bem organizadas, pelo menos do ponto de vista formal. Não quero entrar no mérito dos conteúdos e dos métodos, mas sabe-se que essas escolas garantem o acesso a universidades prestigiosas. Além disso, as classes abastadas complementam o cabedal profissional de seus filhos com tantos outros meios, enviam seus filhos para o exterior, como faziam os aristocráticos e latifundiários no Brasil, desde os primórdios. Com esse sistema de verdadeiro *apartheid* se garante a manutenção das melhores carreiras e mais bem remuneradas, sejam nas empresas como no Estado, na burocracia, no Judiciário, na mídia, no aparelho policial e militar e na própria política. Não é uma acaso que a Casa Grande vinha reclamando dos aeroportos frequentados pela classe média-baixa, assim como das universidades, dos shopping, dos teatros, dos restaurantes invadidos pela ralé.

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

Professor, para encerrar esta reflexão sobre o momento político educacional e a formação de cidadãos mais conscientes e críticos, o senhor disse à dezenas de

estudantes da área de Educação (Pedagogia, Letras), e que futuramente estarão dentro das salas de aula, que uma escola sem reflexão deve ser sepultada. O que o senhor quer dizer com o ‘ser sepultada’?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

É porque uma escola que domestica e enquadra não serve e é até prejudicial. As elites não têm esse tipo de escola. Os filhotes deles leem desde cedo, estudam grandes autores, têm acesso a uma cultura ampla, são treinados para pensar com a própria cabeça, para tomar decisões autocráticas porque amanhã ou depois eles irão comandar empresas e ocupar cargos importantes no aparelho do Estado. Fazer sentir alguém que nasceu para comandar, é cultivado desde o berço. Do jeito como estão sendo programadas e financiadas, as escolas públicas estão destinadas a continuar a preparar o exército industrial de reserva, gente adaptada a trabalhos precários e mal remunerados. Esta escola deve ser recusada e precisamos nos organizar e lutar muito para recriá-la profundamente sobre bases verdadeiramente modernas, criativas, de qualidade, efetivamente públicas e democráticas.

329

Entrevistadores: **Dr. Alceu e Ms. Leandro**

E qual seria o objetivo desta escola de reflexão?

Entrevistado: **Dr. Giovanni Semeraro**

Não é de um dia para o outro que se criam escolas que formam gente capaz de ter um amplo conhecimento e fazer ciência, que adquira não apenas a consciência da realidade e aprenda a estudar coletivamente, mas que possa ter todas as condições de autogovernar-se e tornar-se dirigente do próprio país. Esse seria o objetivo fundamental de uma escola garantida para todos. Isso não se faz sem investimentos. O que foi acumulado de experiência válida ao longo do tempo deve ser aproveitado, evidentemente. Mas, as dimensões criadoras, socializadoras e transformadoras são desafios permanentes e nós precisamos fazer a nossa irrecusável e fascinante parte.



Recebido em 02 de setembro de 2019. Aprovado em 10 de novembro de 2019.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso – Brasil – iniciada em 2011.